

## Paixão e Advento

Malogramos sempre ao falar do que amamos.  
Roland Barthes

Como experimentar um texto? Como atravessar um discurso expurgando o cognitivismo, evitando que nossa política recognitiva se imponha? Como ser capaz de ser afetado pelo que não se buscava? Como não se apoiar em formas de pensar que sistematizam, analisam e julgam, se ao contrário, podemos saborear e produzir idéias que surgem nesses fluxos de encontros que acontecem na leitura-escrita?

É preciso uma atenção fina, concentrar atenção nos planos das forças textuais que atravessam o discurso, estar atento às forças que circulam ali e que estão aquém e além dos indivíduos. É necessário um processo de des-individualização, um afastamento das formas, e um contato com o campo das forças, já que toda relação se dá entre uma força e outra força. Saber detectar o que acontece quando parece que nada acontece. A pergunta – *como assim?* – quando a linguagem nos surpreende, deixando escapar algo que nos desestabiliza, poderá se tornar um modo para atravessar um discurso e daí produzir vida, na medida em que todo processo de criação é processo de auto-criação.

Não é meu desejo coletar as falas de Stella de uma forma *verbi-voco-visual* – no dizer de Augusto de Campos – seja *ouvindo*-as gravadas nas fitas-cassete onde estão guardadas, seja *lendo*-as na obra *Reino dos Bichos e dos Animais é o meu Nome* – neste caso, já apropriadas e elaboradas por uma instituição – ou ainda *vendo*-as no *curta Stella do Patrocínio – A Mulher que Falava Coisas* – e aplicar sobre esse material um saber pronto, territorializá-lo em guetos de significação, sedentarizá-lo em modelos logocêntricos. Fazer isso não coincidiria com o sentido de singularidade dessa escritura *menor* de Stela, a palavra *menor* aqui entendida no sentido que Deleuze e Guattari falam: não de uma língua ou um gênero menor, mas a escritura que uma minoria faz em uma língua maior.

Temo não conseguir transformar, potencializar essas perturbações que as falas de Stela provocaram em mim, falas vindas do exterior e que me atingem interiormente.

Temo não saber lançá-la numa outra direção, pois comungo com Nietzsche que o pensador sempre atira uma flecha, e outro pensador a recolhe para enviá-la em nova direção.

Estes incômodos de desordem, de não saber como fazer, são entretanto promessa de futuro. É estar-se atento ao que pode advir, é estar-se à espreita do que pode acontecer, é uma pausa no movimento para o que ainda não se sabe. Porque pensar não é alinhar-se com o que já se conhece: a pesquisa tem que ter força para atualizar as virtualidades.